

## Rita Lee, mulher-alienígena: trajetória de uma cantora, compositora e *performer* de outro planeta



Rita Lee. *Folha de Londrina*,  
11 mar. 2023, fotografia  
(detalhe).

### *Renato Gonçalves Ferreira Filho*

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorando pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-São Paulo). Autor, entre outros livros, de *Marina Lima – Fullgás*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.  
r.goncalves.f@gmail.com

## Rita Lee, mulher-alienígena: trajetória de uma cantora, compositora e performer de outro planeta

Rita Lee, alien-women: trajectory of a singer, songwriter, and performer from another planet

Renato Gonçalves Ferreira Filho



Há artistas da música popular brasileira cujas análises, quando feitas *post mortem*, serão superlativas e destacarão aspectos como autoria, virtuosismo, relevância cultural, contribuição à história da música etc. Dificilmente o gênero sexual estará em primeiro lugar ou sequer ele aparecerá – a menos que estejamos falando de uma artista mulher. Quando se é mulher, a condição feminina, tal qual Simone de Beauvoir a formulou<sup>1</sup>, parece ser não apenas o ponto de partida, como também o ponto de convergência para se compreender tais vidas e obras, seja pela via da exceção, quando a mulher ousa ocupar certos espaços dominados por homens, seja pela via da exclusão, quando a artista, por ser mulher, é relegada a um apagamento sistemático.

Esse é o caso de Rita Lee, cantora, compositora e *performer* cuja morte recente nos convida a refletir como a sua trajetória foi atravessada pelo seu gênero e como, igualmente, ela contribuiu para ressignificar o lugar de exclusão das mulheres no contexto musical ao se assumir como uma alienígena, metáfora que tomo emprestada de seu universo autoral e mítico para designar sua postura *outsider* em diferentes contextos, como se ela “viesse de um outro planeta”.

A seguir, saliento passagens dessa mulher-alienígena na tentativa de esboçar um breve quadro que, revisitando a jornada de Rita Lee, busca expor nuances de sua excepcionalidade dentro do cenário da música popular-comercial brasileira, da estreia à sua partida.

### Uma mutante que prova do fruto proibido

Desde o princípio, a carreira de Rita Lee é marcada pela exceção.

Sua passagem pela banda Os Mutantes, ao lado de Arnaldo Baptista e Sérgio Dias, foi um momento-chave para a construção de uma mutante, que, como uma boa tropicalista, misturou gêneros musicais e desenvolveu o humor como tônica composicional e cênica. Diante do que se via nos festivais da canção, a garota ruiva vestida de noiva em meio a dois homens fantasiados de personagens quixotescos se destacava pelo frescor de seu experimentalismo.<sup>2</sup> Na imagem que projetava, essa *persona* da jovem Rita Lee brincava com as representações clássicas do gênero, em que o casamento é um dos destinos

<sup>1</sup> Ver BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

<sup>2</sup> Cf. SANTOS, Daniela Vieira dos. *Não vá se perder por aí: a trajetória dos Mutantes*. São Paulo: Annablume, 2010.

naturalizados das mulheres, na mesma medida em que ainda insinuava um triângulo amoroso, como representado na contracapa do terceiro disco<sup>3</sup>, em que aparecem os três deitados seminus em uma cama.

Mas a lua de mel durou cinco discos: “a gente resolveu que a partir de agora você está fora dos Mutantes porque nós resolvemos seguir na linha progressiva-virtuose e você não tem calibre como instrumentista”<sup>4</sup>, ouviu Rita Lee de Arnaldo Baptista, em 1972, como rememora a ex-Mutante em sua primeira autobiografia. Em outras passagens, a cantora e compositora deixou ainda mais explícito o que, no entendimento dela, estava por trás da suposta falta de “calibre como instrumentista”: “machismo puro”.<sup>5</sup>

A experiência de carreira solo de Rita Lee, que já havia sido desenhada no LP *Build up*<sup>6</sup>, de 1970, tornou-se o “primeiro dia do resto da sua vida”, parafraseando-se o título do seu disco pós-expulsão da banda.<sup>7</sup> Contudo, o problema “sem nome”<sup>8</sup> de ser mulher e querer se firmar como uma musicista ainda a perseguiria: como compartilha na sua segunda autobiografia, naquele período, após ter um disco negado pela gravadora, Rita chegou a ter uma reunião com altos executivos da indústria fonográfica, todos homens, que queriam que ela vestisse “tipo minissaia e casquinho cor-de-rosa, fazendo a cocotinha fofinha e bem comportadinha [...] falando de amor pueril e bobinho”. Sua resposta veio com uma atitude: “me levantei da mesa, mandei todos tomarem no cu e fui para o banheiro da gravadora queimar um baseado”.<sup>9</sup> O contrato foi rescindido e a cantora, já em outra gravadora, viria a lançar *Fruto proibido*<sup>10</sup> em 1975.

Se, na mitologia judaico-cristã, o fruto proibido fora o motivo de expulsão dos homens do paraíso, dando à Eva, quem primeiro caiu em tentação, a pecha eterna de pecadora, Rita Lee provou e ofereceu à música brasileira o sabor da contravenção de uma mulher no *rock*: “comer um fruto que é proibido/ você não acha irresistível?”, ela nos provocava.<sup>11</sup>

### “O que foi que aconteceu com a música popular brasileira?”

Consagrando-se como um dos principais estandartes do *rock* da década de 1970 no Brasil, Rita Lee parecia não se encaixar nem no projeto de MPB (Música Popular Brasileira), que trazia prestígio às gravadoras, nem nas canções meramente comerciais<sup>12</sup>, ainda que dialogasse com ambas as frentes. De um lugar quase estrangeiro em sua própria cultura, ela ousou brincar com os

<sup>3</sup> Ver Os Mutantes. *A divina comédia ou ando meio desligado*. LP Polydor/PolyGram, 1970.

<sup>4</sup> LEE, Rita. *Rita Lee: uma autobiografia*. São Paulo: Globo, 2016, p. 113.

<sup>5</sup> Uma das passagens em que Rita Lee comentou sobre a sua expulsão da banda foi a sua entrevista para o programa televisivo de Jô Soares em 1993. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=hBIVcA\\_31lw](https://www.youtube.com/watch?v=hBIVcA_31lw)>. Acesso em 11 jun. 2023.

<sup>6</sup> Rita Lee. *Build up*. LP Polydor/PolyGram, 1970.

<sup>7</sup> *Idem*, *Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida*. LP Polydor/PolyGram, 1972.

<sup>8</sup> Aqui faço uma referência ao “problema sem nome” identificado por Betty Friedan para designar o mal-estar de gênero sentido pelas mulheres. Ver FRIEDAN, Betty. *A mística feminina*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

<sup>9</sup> LEE, Rita. *Rita Lee: outra autobiografia*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2023, p. 180.

<sup>10</sup> Rita Lee e Tutti Frutti. *Fruto proibido*. LP EMI, 1975.

<sup>11</sup> “Fruto proibido” (Rita Lee), Rita Lee e Tutti Frutti. *Fruto proibido*, op. cit.

<sup>12</sup> Aqui uso a divisão identificada e proposta por DIAS, Marcia Tosta. *Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura*. São Paulo: Boitempo, 2000.

medalhões da indústria musical em “Arrombou a festa”<sup>13</sup>, canção que ganhou ao menos registro em duas diferentes versões e na qual narra com sarcasmo a farra dos gêneros e dos figurões daquele momento: “ai, ai, meu Deus/ o que foi que aconteceu/ com a música popular brasileira?/ todos eles falam a sério/ mas esse sério me parece brincadeira”.

Embora pudesse ser lida como uma crítica, Rita Lee parecia capturar um momento de efervescência e consolidação da grande indústria, sob uma sensibilidade *camp*<sup>14</sup>, que busca desarmar com o riso toda a pretensão artística que dissimulava os apelos comerciais que fundamentariam toda produção da indústria cultural, colocando-se, inclusive, nessa história: “e a Rita Lee parece que não vai sair mais dessa/ pois pra fazer sucesso arrombou de novo a festa”.<sup>15</sup>

Com sua postura provocativa, Rita Lee passou a chamar a atenção de seus pares. Nesse sentido, foram exemplares “Quando”<sup>16</sup>, apresentada pelos Doces Bárbaros, que fala da vinda de “uma menina loura”, proveniente “de uma cidade industrial”, “solta, decidida, cheia de vida etc. e tal”, e, posteriormente, “Sampa”<sup>17</sup>, de Caetano Veloso, que a descreve como a “mais completa tradução” de São Paulo. Tais referências já intuía que o trabalho autoral e performático da cantora paulista desenvolvia as idiossincrasias de uma nova forma de canção tipicamente urbana de vocação *pop*, que foi sendo lapidada até o lançamento do disco de 1979.

No radar *pop* de Rita Lee já na década de 1970, couberam composições feitas sob medida para fenômenos midiáticos e de performatividade sexual como as Frenéticas, “Perigosa”<sup>18</sup>, e Ney Matogrosso, “Bandido corazón”.<sup>19</sup> Seria, aliás, por intermédio de Ney Matogrosso que ela encontraria seu grande parceiro de vida e obra, Roberto de Carvalho, então músico da banda do ex-Secos & Molhados.

### “Como Luz del Fuego, não tinha medo”: representações do feminino

Com a chegada de Roberto de Carvalho, marido, pai de seus três filhos e companheiro de composições, Rita Lee lançou seus discos mais radiofônicos a partir de 1979. Enquanto se afastava da figura rockeira e se firmava como uma *hitmaker*, sua voz de médio alcance começou a explorar mais sistematicamente tons mais suaves de seu timbre *cool* – que, vale lembrar, interessou a João Gilberto, que, em 1980, a convidou para um dueto ao vivo.<sup>20</sup>

Nos anos 1980, com composições que inundaram as estações de rádio e as trilhas sonoras de novelas, a *persona* de Rita Lee deu voz a canções de um

<sup>13</sup> “Arrombou a festa” (Rita Lee e Paulo Coelho), Rita Lee. *Arrombou a festa*. Compacto Som Livre, 1976.

<sup>14</sup> Cf. SONTAG, Susan. Notas sobre o *camp*. In: *Contra a interpretação: e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

<sup>15</sup> “Arrombou a festa II” (Rita Lee e Paulo Coelho), Rita Lee. *Rita Lee*. LP Som Livre/EMI-Odeon, 1979.

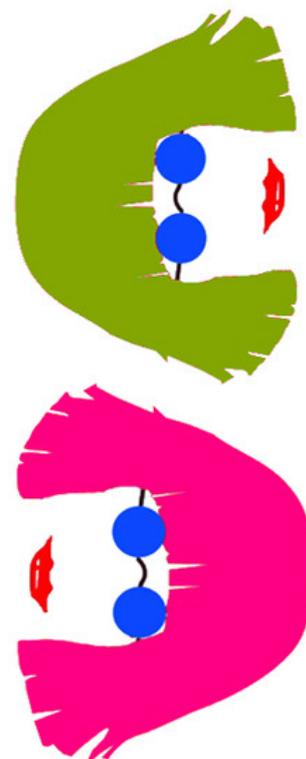
<sup>16</sup> “Quando” (Caetano Veloso, Gal Costa e Gilberto Gil), Doces Bárbaros. *Doces Bárbaros*. LP PolyGram/Philips, 1976.

<sup>17</sup> “Sampa” (Caetano Veloso), Caetano Veloso. *Muito: dentro da estrela azulada*. LP PolyGram/Philips, 1978.

<sup>18</sup> “Perigosa” (Nelson Motta, Rita Lee e Roberto de Carvalho), Frenéticas. *Frenéticas*. LP WEA, 1977.

<sup>19</sup> “Bandido corazón” (Rita Lee), Ney Matogrosso. *Bandido*. LP Continental, 1976.

<sup>20</sup> A apresentação, ocorrida no especial *Grandes nomes*, da TV Globo, em 1980, foi de “Joux Joux Balangandans” (Lamartine Babo). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=YfpzJHQrePo>>. Acesso em 11 jun. 2023.



amor malicioso, sutilmente erótico e subversivo, como nos gemidos de contra-ataque em “Doce vampiro”<sup>21</sup> e no convite irresistível em “Bem-me-quer”<sup>22</sup>: “rasgue a minha roupa/ mas, por favor, não dê beliscão”. Ou ainda na posição explícita “de quatro no ato”, de “Lança perfume”<sup>23</sup>, ou quando esteve “no escurinho do cinema/ chupando drops de anis”, em “Flagra”.<sup>24</sup> Sob certo aspecto, ela se mostrava em linha de sintonia com composições de homens e mulheres que emergiram com força na música brasileira, especialmente nos anos 1970, pondo em evidência o corpo como território do prazer, em contraposição à moral sexual hegemônica.<sup>25</sup>

Na corda-bamba da censura da ditadura militar, que ainda atuaria até 1985, a cantora driblava as acusações de ir “contra a moral e os bons costumes”<sup>26</sup>, falando de um universo feminino novo, no qual a mulher expressava seus desejos, abrindo frente para outras compositoras e cantoras, como Marina Lima e Tetê Espíndola.<sup>27</sup> Em Rita Lee, a temática do feminino é uma constante.<sup>28</sup> Ora a compositora brinca debochadamente com os estereótipos de gênero, como em “sexo frágil/ não foge à luta” (“Cor-de-rosa choque”<sup>29</sup>); “toda mulher se faz de coitada/ toda mulher é meio Leila Diniz” (“Todas as mulheres do mundo”<sup>30</sup>); e “eles amam as loucas/ mas se casam com outras” (“As loucas”<sup>31</sup>). Ora celebra as mulheres malditas na história, como em “Elvira Pagã”<sup>32</sup>, “Luz del Fuego”<sup>33</sup> e “Pagu”<sup>34</sup> – como se enxergasse nessas mulheres suas iguais na excepcionalidade que as irmanava.

## Visões de outro planeta

É certo que o contraditório rondou a vida e a obra de Rita Lee. Polêmicas, alimentadas por uma sociedade conservadora, não faltaram em sua carreira. Desde a sua detenção sob a alegação de porte de maconha em 1976 – sendo ajudada por Elis Regina para ser liberada<sup>35</sup> –, até o conflito que teve

<sup>21</sup> “Doce vampiro” (Rita Lee), Rita Lee. *Rita Lee*, op. cit.

<sup>22</sup> “Bem-me-quer” (Rita Lee e Roberto de Carvalho), Rita Lee. *Rita Lee e Roberto de Carvalho*. LP Som Livre/EMI-Odeon, 1980.

<sup>23</sup> “Lança perfume” (Rita Lee e Roberto de Carvalho), Rita Lee. *Rita Lee e Roberto de Carvalho*, op. cit.

<sup>24</sup> “Flagra” (Rita Lee e Roberto de Carvalho), Rita Lee. *Rita Lee e Roberto de Carvalho*. LP Som Livre/EMI-Odeon, 1982.

<sup>25</sup> Para uma visão geral sobre o assunto, ver PARANHOS, Adalberto. *Música popular na contramão das políticas sexuais hegemônicas: Brasil, década de 1970. Contrapulso: Revista Latinoamericana de Estudios en Música Popular*, v. 1, n. 1, Santiago, 2019.

<sup>26</sup> Guilherme Samora comenta que Rita Lee é citada em ao menos 250 documentos censórios. Ver JONES, Rita Lee. *Favorita*. São Paulo: Editora Globo, 2018.

<sup>27</sup> Cf. GONÇALVES, Renato. *Marina Lima: Fullgás*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

<sup>28</sup> Para um estudo aprofundado sobre as representações da mulher e do feminino em Rita Lee, ver SANTOS, José Antônio Barbosa Alves dos. *As faces de Eva: o universo feminino no léxico de Rita Lee*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – USP, São Paulo, 2013.

<sup>29</sup> “Cor-de-rosa choque” (Rita Lee e Roberto de Carvalho), Rita Lee. *Flagra*. LP EMI, 1982.

<sup>30</sup> “Todas as mulheres do mundo” (Rita Lee), Rita Lee. *Rita Lee*. CD EMI, 1993.

<sup>31</sup> “As loucas” (Rita Lee e Roberto de Carvalho), Rita Lee. *Reza*. CD Biscoito Fino, 2012.

<sup>32</sup> “Elvira pagã” (Rita Lee e Roberto de Carvalho), Rita Lee. *Rita Lee e Roberto de Carvalho*. LP Som Livre/EMI-Odeon, 1979.

<sup>33</sup> “Luz del Fuego” (Rita Lee), Rita Lee e Tutti Frutti. *Fruto proibido*, op. cit.

<sup>34</sup> “Pagu” (Rita Lee e Zélia Duncan), Rita Lee e Zélia Duncan. *3001*. CD Universal Music, 2000.

<sup>35</sup> Rita Lee comenta o episódio, bem como a relação que estabeleceu com Elis Regina, na sua primeira autobiografia. Como retribuição à generosidade da cantora gaúcha, escreveu “Doce de pimenta” (Rita Lee e Roberto de Carvalho). Ver LEE, Rita. *Uma autobiografia*, op. cit.

com a Polícia Militar em Aracaju em 2012, durante um de seus últimos *shows*<sup>36</sup>, a figura pública da artista foi pauta dos debates de comportamento. Por sinal, sua atuação como comentarista rendeu uma das melhores temporadas do programa semanal *Saia Justa*, do canal GNT, entre 2002 e 2003.

No campo das composições, ela nunca fugiu de temas de difícil abordagem, como, por exemplo, o hiv/aids, que já figurou ao menos em duas de suas canções<sup>37</sup>, nas décadas de 1980 e 1990, quando era uma temática estigmatizada. A relação com as drogas, também, como em “Perto do fogo”<sup>38</sup>, que faz referência à erva, e “Vidinha”: “faço terapia/ malho todo dia/ pratico yoga/ não uso mais droga [...] ô, vidinha de merda”.<sup>39</sup>

Em seu vocabulário, não havia palavras que não deveriam ser ditas. Tudo poderia caber na canção, até mesmo os rumores de que estaria com leucemia, que virou tema de “Não titia”<sup>40</sup>, em 1985. Como observou Flávia Oliveira<sup>41</sup>, seu glossário era popular e, perseguindo tudo o que de espontâneo existe na coloquialidade, seu discurso sempre se pautou pela extrema franqueza. Em parte, isso justificará o seu traquejo natural com o Twitter, rede social na qual esteve presente com grande desenvoltura, elaborando frases de sucesso entre os jovens.<sup>42</sup> As novas gerações, inclusive, se interessaram pela sua irreverência, como em trecho de vídeo propagado no qual ela debocha daquela que inspirou a criação de “Tão”<sup>43</sup>: “ai, ela é toda boazinha, ela é toda do bem, ela é jovem... ah! Vá se foder, sabe? Chata pacas!”<sup>44</sup>

A canção-manifesto “Obrigado não”<sup>45</sup>, de 1997, talvez seja um dos principais posicionamentos sobre a sua visão libertária, com versos como “cuidado com polícia/ cuidado com ladrão”; “por que whisky sim?/ por que cannabis não?”; e “foi-se a ditadura militar/ foice e martelo não vão mais vingar/ servir exército só se for da salvação”. Afinada com as mudanças comportamentais trazidas pelos novos tempos – dos quais ela foi uma das molas propulsoras –, é do videoclipe da canção, dirigido por Gringo Cardia, o primeiro beijo entre dois homens na filmografia da música brasileira.

<sup>36</sup> Ainda que muitos acreditem que a apresentação na capital sergipana foi a última da carreira de Rita Lee, essa informação é falsa. O espetáculo de despedida ocorreu em 2013, durante as comemorações do aniversário da cidade de São Paulo no Vale do Anhangabaú.

<sup>37</sup> Cf. FERREIRA FILHO, Renato Gonçalves. Pôde-se cantar o hiv/aids? A trajetória do vírus e da síndrome no *pop rock* brasileiro nas décadas de 1980 e 1990. *ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte*, v. 23, n. 43, Uberlândia, 2021.

<sup>38</sup> “Perto do fogo” (Rita Lee e Cazusa), Rita Lee. *Rita Lee e Roberto de Carvalho*. LP EMI-Odeon, 1990.

<sup>39</sup> “Vidinha” (Rita Lee e Roberto de Carvalho), Rita Lee. *Reza*, *op. cit.*

<sup>40</sup> “Não titia” (Rita Lee e Roberto de Carvalho), Rita Lee. *Rita e Roberto*. LP Som Livre/EMI-Odeon, 1985.

<sup>41</sup> Ver OLIVEIRA, Flávia. Rita Lee, um glossário. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 jun. 2023. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/opiniaoflavia-oliveira/coluna/2023/06/rita-lee-um-glossario.ghtml>>. Acesso em 11 jun. 2023.

<sup>42</sup> Os famosos *tweets* de Rita Lee, segundo a família, serão registrados em livro a ser lançado. Cf. DELCOLLI, Caio. Rita Lee escreveu caderno de *tweets* à mão, diz filho, que prepara obras póstumas. *Folha de S. Paulo*, 17 maio 2023.

<sup>43</sup> “Tão” (Rita Lee e Roberto de Carvalho), Rita Lee. *Multishow ao vivo*. CD Biscoito Fino, 2009.

<sup>44</sup> Trecho retirado do registro audiovisual *Biografitti*, s./d. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=u23BJQs7a\\_Q](https://www.youtube.com/watch?v=u23BJQs7a_Q)>. Acesso em 11 jun. 2023.

<sup>45</sup> “Obrigado não” (Rita Lee e Roberto de Carvalho), Rita Lee. *Santa Rita de Sampa*. CD Universal Music, 1997.

## Santa Rita de Sampa abençoa todas as ovelhas negras

Como síntese da vida e obra de Rita Lee, “Ovelha negra”<sup>46</sup>, lembrada à exaustão por admiradores no momento de sua partida, talvez seja uma das canções que melhor traduza os sentidos que marcaram a sua trajetória. A ovelha negra expulsa pela sua distinção assumiu e ressignificou seu destino: autoproclamou-se a padroeira da liberdade, abraçou os diferentes e as diferenças e formou um rebanho de fãs. Como vinda de uma outra galáxia, transformou a exclusão em excepcionalidade, angariando novos habitantes para o seu universo, com grande atenção às crianças e aos animais, que foram tema de seus livros infantis, lançados desde 1986.<sup>47</sup>

Apesar de ter sido uma iconoclasta contra tudo o que aparentasse ser sério demais, Rita Lee sempre gostou de construir uma aura mítica ao seu redor, como quando vestiu o manto de Nossa Senhora Aparecida e se chamou de Santa Rita de Sampa, “protetora dos frascos e comprimidos”.<sup>48</sup> Reciprocamente, foi admirada por diferentes gerações que ela acolheu como uma luz-guia, seja pela postura libertária que lhe foi própria, seja pela resiliência ao encarar o câncer e a inspirar outros pacientes, situação que é compartilhada em *Outra autobiografia*.<sup>49</sup>

No videoclipe de sua última canção lançada em vida, “Change”<sup>50</sup>, enquanto surge como uma figura intergaláctica tecnicolor, vestindo uma peruca feita de fios de pérolas brancas que caem pelo seu rosto, ela nos traz seu derradeiro ensinamento: “mude a pergunta ‘por quê’, mude a pergunta ‘por que não?’ Porque a vida não é assim ou assado”.<sup>51</sup>

Não haveria melhor lugar para a cerimônia de passagem da cantora, compositora e *performer* que avistou um “disco voador”<sup>52</sup>, pediu socorro aos “marcianos”<sup>53</sup>, prometeu “roubar os anéis de Saturno”<sup>54</sup> e imaginou o ano de 3001<sup>55</sup> que o Planetário do Ibirapuera, no coração da cidade em que primeiro aterrizou sua espaçonave; tampouco, para quem foi excepcional em diferentes sentidos, é aleatória a sua sugestão de epitáfio: “ela nunca foi um bom exemplo, mas era gente boa”.<sup>56</sup>

*Texto recebido em 13 de junho de 2023. Aprovado em 25 de junho de 2023.*

<sup>46</sup> “Ovelha negra” (Rita Lee), Rita Lee. *Fruto proibido*, op. cit.

<sup>47</sup> Ver, por exemplo, LEE, Rita. *Dr. Alex*. São Paulo: Global, 1986.

<sup>48</sup> “Santa Rita de Sampa” (Rita Lee e Roberto de Carvalho), Rita Lee. *Santa Rita de Sampa*, op. cit.

<sup>49</sup> Ver LEE, Rita. *Outra autobiografia*, op. cit.

<sup>50</sup> “Change” (Rita Lee e Roberto de Carvalho), Rita Lee, Roberto de Carvalho e Gui Boratto. *Change*. Single digital Universal Music, 2021.

<sup>51</sup> “Change la question ‘pourquoi?’ Change la question ‘pourquoi pas?’ Parce que la vie n’est pas comme ci ni comme ça”, diz originalmente o refrão.

<sup>52</sup> “Disco voador” (Rita Lee e Roberto de Carvalho), Rita Lee. *Babilônia*. LP EMI, 1978.

<sup>53</sup> “Alô, alô, marciano” (Rita Lee e Roberto de Carvalho), Rita Lee. *Acústico MTV*. CD Universal Music, 1998.

<sup>54</sup> “Desculpe o auê” (Rita Lee e Roberto de Carvalho), Rita Lee. *Bombom*. LP Som Livre/EMI-Odeon, 1983.

<sup>55</sup> “3001” (Rita Lee, Roberto de Carvalho e Tom Zé), Rita Lee. *3001*, op. cit.

<sup>56</sup> LEE, Rita. *Uma autobiografia*, op. cit., p. 266.